Livro de poemas

Poema do período do Quinhentísmo

Jesus na manjedoura
- Que fazeis, menino Deus,
Nestas palhas encostado?
- Jazo aqui por teu pecado.
- Ó menino mui formoso,
Pois que sois suma riqueza,
Como estais em tal pobreza?
- Por fazer-te glorioso
E de graça mui colmado,
Jazo aqui por teu pecado.
- Pois que não cabeis no céu,
Dizei-me, santo Menino,
Que vos fez tão pequenino?
- O amor me deu este véu,
Em que jazo embrulhado,
Por despir-te do pecado.
- Ó menino de Belém,
Pois sois Deus de eternidade,
Quem vos fez de tal idade?

- Por querer-te todo o bem
E te dar eterno estado,
Tal me fez o teu pecado.

Autor: Pe. José de Anchieta

Poema do período Barroco

Todo
O todo sem a parte não é todo;
A parte sem o todo não é parte;
Mas se a parte o faz todo sendo parte,
Não se diga que é parte, sendo todo.

Autor: Gregório de Matos

Poema do período do Arcadismo

Se é doce
Se é doce no recente, ameno
Estio Ver toucar-se a manhã de etéreas flores,
E, lambendo as areias e os verdores,
Mole e queixoso deslizar-se o rio;
Se é doce no inocente desafio
Ouvirem-se os voláteis amadores,
Seus versos modulando e seus ardores
Dentre os aromas de pomar sombrio;
Se é doce mares, céus ver anilados
Pela quadra gentil, de Amor querida,
Que esperta os corações, floreia os prados,
Mais doce é ver-te de meus ais vencida,
Dar-me em teus brandos olhos desmaiados.
Morte, morte de amor, melhor que a vida.

Autor: Du Bocage

Poema do período do Romantismo

O amor romântico

O amor romântico é como um traje, que, como não é eterno, dura tanto quanto dura; e, em breve, sob a veste do ideal que formamos, que se esfacela, surge o corpo real da pessoa humana, em que o vestimos. O amor romântico, portanto, é um caminho de desilusão. Só o não é quando a desilusão, aceite desde o princípio, decide variar de ideal constantemente, tecer constantemente, nas oficinas da alma, novos trajes, com que constantemente se renove o aspecto da criatura, por eles vestida.

Autor: Fernando Pessoa

Poema do período do Realismo

Sê

Se não puderes ser um pinheiro, no topo de uma colina,

Sê um arbusto no vale mas sê

O melhor arbusto à margem do regato.
Sê um ramo, se não puderes ser uma árvore.
Se não puderes ser um ramo, sê um pouco de relva
E dá alegria a algum caminho.
Se não puderes ser uma estrada,
Sê apenas uma senda,
Se não puderes ser o Sol, sê uma estrela.
Não é pelo tamanho que terás êxito ou fracasso... Mas sê o melhor no que quer que sejas.

Autor: Douglas Malloch

Poema do período do Naturalismo

Abita um bicho em mim
Tenho medo de bicho
Bicho é assim, paira para pairar
Naturalistas, escritores, cientistas, músicos ricos não pairam, pobres sim...
Bichos não são naturalistas

Só homens, mulheres...nem pensar
O tempero da racionalidade
É a perca
E de não ter, é não ter perca
O mercado está de portas abertas
No entanto fechadas
Para quem não é naturalista
Surfistas moram nas praias
Imperialistas dentro do mercado

Autor: Lucas Lima M.

Poema do período do Parnasianismo

Ao coração que sofre
Ao coração que sofre, separado Do teu, no exílio em que a chorar me vejo,
Não basta o afeto simples e sagrado Com que das desventuras me protejo.

Não me basta saber que sou amado,
Nem só desejo o teu amor: desejo
Ter nos braços teu corpo delicado,
Ter na boca a doçura de teu beijo.
E as justas ambições que me consomem
Não me envergonham: pois maior baixeza
Não há que a terra pelo céu trocar;
E mais eleva o coração de um homem
Ser de homem sempre e, na maior pureza,
Ficar na terra e humanamente amar.

Autor: Olavo Bilac

Poema do período do Simbolismo

Smália
Quando Ismália enlouqueceu,
Pôs-se na torre a sonhar...
Viu uma lua no céu,
Viu outra lua no mar.
No sonho em que se perdeu,
Banhou-se toda em luar...

Queria subir ao céu,
Queria descer ao mar...
E, no desvario seu,
Na torre pôs-se a cantar...
Estava longe do céu...
Estava longe do mar...
E como um anjo pendeu
As asas para voar. . .
Queria a lua do céu,
Queria a lua do mar...
As asas que Deus lhe deu
Ruflaram de par em par...
Sua alma, subiu ao céu,
Seu corpo desceu ao mar...

Autor: Alphonsus-Guimaraens

Poema do período do Pré-modernismo

Saudade
Saudade Hoje que a mágoa me apunhala o seio,
E o coração me rasga atroz, imensa,

Eu a bendigo da descrença, em meio,
Porque eu hoje só vivo da descrença.
À noite quando em funda soledade
Minh'alma se recolhe tristemente,
P'ra iluminar-me a alma descontente,
Se acende o círio triste da Saudade.
E assim afeito às mágoas e ao tormento,
E à dor e ao sofrimento eterno afeito,
Para dar vida à dor e ao sofrimento,
Da saudade na campa enegrecida
Guardo a lembrança que me sangra o peito,
Mas que no entanto me alimenta a vida.

Autor: Augusto dos Anjos

Poema do período do Modernismo

Arte de amar
Se queres sentir a felicidade de amar, esquece a tua alma.
A alma é que estraga o amor.
Só em Deus ela pode encontrar satisfação. Não noutra alma. Só em Deus - ou fora do mundo.

As almas são incomunicáveis.
Deixa o teu corpo entender-se com outro corpo.
Porque os corpos se entendem, mas as almas não.

Autor: Manuel Bandeira

Poema do período do Pós-modernismo

Morte e vida severina
[...]— O meu nome é Severino, como não tenho outro de pia.
Como há muitos Severinos, que é santo de romaria, deram então de me chamar Severino de Maria; como há muitos Severinos com mães chamadas Maria, fiquei sendo o da Maria do finado Zacarias.
Mais isso ainda diz pouco: há muitos na freguesia, por causa de um coronel que se chamou Zacarias e que foi o mais antigo senhor desta sesmaria.
Como então dizer quem falo ora a Vossas Senhorias?

Vejamos: é o Severino da Maria do Zacarias, lá da serra da Costela, limites da Paraíba.
Mas isso ainda diz pouco: se ao menos mais cinco havia com nome de Severino filhos de tantas Marias mulheres de outros tantos, já finados, Zacarias, vivendo na mesma serra magra e ossuda em que eu vivia. [...]

Autor: João Cabral